

## 6. Conclusão

Um realista rejeitado por realistas; um impressionista que não pertencia ao grupo dos impressionistas; um pintor da vida moderna que não era moderno; um contador de histórias que desagradava os críticos. O pluralismo do trabalho de Degas reflete o homem múltiplo que ele foi. Teve uma longa vida e uma carreira imponente, mas permaneceu discreto, com aversão ao público e preocupado com a sua privacidade. A ferocidade das palavras, a postura reacionária e as manias contribuía para mantê-lo afastado da vida social. São conhecidas as histórias dos jantares para os quais era convidado e aceitava mediante algumas condições: que começasse cedo, que as mulheres não usassem perfumes e que os arranjos das mesas não fossem de flores, entre outras ranhetices.

Degas recusava tudo o que não viesse dos seus pensamentos. Como era o mais rígido dos juízes, nunca se satisfazia e obtinha sua própria aprovação. Desprezou as honras e vantagens que um artista poderia obter em troca do recolhimento produtivo. Pouco afável às críticas, optava pelo trabalho ao invés de rebatê-las. Era, entretanto, um grande polemista e argumentador quando os assuntos eram política e desenho: jamais cedia e mostrava-se intratável, como era conhecido por todos. Mas, como artista, era imbatível.

Empenhado em fixar nas telas o aspecto fugidio da vida, recorre ao jogo das sombras, utilizando, assim, métodos tradicionais a todos os pintores. A base de suas criações é o desenho, um desenho moderno, livre das tradições lineares, através dos quais dá sua interpretação aos gestos, posturas, atitudes e o que mais o inspire. Degas foi, dentre os artistas de sua época, o que mais cultivou a prática da segmentação, tanto no interior quanto nas laterais do quadro. É comum a borda cortar ao meio um objeto ou uma figura. Outros exemplos são encontrados em Monet, Renoir, Pissarro e nos últimos quadros de Manet, mas é Degas que tem o olhar mais fotográfico e aplica melhor o corte pelos objetos vizinhos ou pela moldura, como se o objeto fosse visto por periféricamente. Com esta técnica, a percepção casual é afirmada e aproxima a cena do espectador. Degas age com a precisão do corte da guilhotina com que os fotógrafos aparavam as suas fotos.

Especialista em sugerir que o espectador seja um *voyeur*, em seus trabalhos nada parece preparado para ser exposto à visão pública. As cenas são fragmentos da realidade captados sem consentimento. Até mesmo os seus retratos mais convencionais dão a sensação de uma olhadela pelo buraco da fechadura. Degas é o pintor das presenças.

Com um olhar apurado do cotidiano, transformou a pintura de gênero do Segundo Império. Homem sensível que conseguiu fixar com lápis e papel a sua visão pessoal do mundo, tem uma modernidade da qual não se tem dúvida. Pode-se questionar, contudo, se a sua evolução foi estritamente pessoal ou se foi um dos aspectos das modernidade. O caráter experimental tinha relação com

a sociedade que ele vivia? Sim, mas apenas Degas explorou os recursos que a recém-chegada modernidade proporcionava.

É sem importância os esforços para incluí-lo em categorias criadas pela crítica. Degas vai além e, ao estudá-lo, consegue-se perceber algumas forças que os artistas modernos que o sucederam obedeceram. Desprendido da preocupação de adotar um processo técnico - ele é uma renovação permanente neste aspecto -, tem consciência que a elaboração das sensações não foi resolvida pelo impressionismo. Esboços são simplesmente esboços e o seu objetivo sempre é fazer um quadro. Como Cézanne, ambicionou fazer do impressionismo alguma coisa tão sólida quanto a arte dos museus. Suas criações resultavam de uma pesquisa exaustiva e de cálculos milimétricos; o registro das sensações imediatas eram insuficientes para as ambições de Degas. Ele era o mestre do desenquadramento.

Por ser um grande artista, lentamente vem sendo descoberto. Muito possivelmente, sua atualidade está vinculada ao olhar fotográfico ligado à forma. Longe de ser um imitador das imagens geradas pela câmera, brincou com as convenções pictóricas nos acidentes calculados com os quais retratava cenas da vida contemporânea. Pode-se dizer que ele traduziu as imagens da fotografia instantânea quando as levou para meios que ele ia criando com suas experiências. Nada mais moderno para mostrar a sociedade urbana que emergia em Paris.